PQ
9261
.A575F6
1853

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class

Book

FOLHAS

CAHIDAS.

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS.

1853.

2

2364
4397

FOLHAS CAHIDAS.

Garret nasceu na cidade do Porto a 4 de Fevereiro de 1799. Falleceu em Lisboa a 10 de Dezembro de 1854, na rua de Sta Izabel nº 56. Está sepultado no cemiterio dos Prazeres.

Esta é a 1ª edição segregada do mercado pelo Visconde da Luz; e da qual deverão existir em circulação, quando muito, 18 ou 20 exemplares.

NA IMPRENSA NACIONAL.

L. F.

[Almeida Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, 1. visconde de]

FOLHAS

CAHIDAS.

Visconde de Almeida Garrett.

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS.

1853.

PQ9261
.A575F6
1853

387270
'29

AMK 28929 34
KEC 25 M2 42

ADVERTENCIA.

Antes que venha o hynverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahi cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu ja as últimas recordações de minha vida poetica. Inganei o público, mas de boa fé, porque me inganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro—ás vezes imaginario, porque ninguem os coroa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem, teem razão; mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, heide sê-lo no hynverno se lá chegar, e heide sê-lo em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o êrro.

Os cantos que formam ésta pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida íntima e recolhida que nada tem com as minhas outras collecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que

canta deante do público. Das FOLHAS CAHIDAS ninguem tal dirá, ou bem pouco intende de stylos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gósto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porquê? É impossivel dizê-lo, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o público sinta bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrário, parece-me que o melhor e mais recto juiz que póde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio. E eu sei que tenho os olhos abertos, aomenos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de ver os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os

ignoto deo. E o deus que os inspirou que os anniquille se quizer: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia paraque todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não-definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta demais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, approximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sem-

pre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes FOLHAS CAHIDAS representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacillantes oscilações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tê-lo alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle—ora ri amargamente porque reconhece o seu ingano—ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae-o passar, gente do mundo, devotos do podêr, da riqueza, do mando, ou da glória. Elle não intende bem d'isso, e vós não intendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vai onde vós não ides; vai, ainda que zombeis d'elle, que o callunieis, que o assacineis. Vai, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu

convosco. E essa falta, que é a mesma de Adam, tambem será punida com a morte.

Mas não triumpheis, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro, 1853.

FOLHAS CAHIDAS.

IGNOTO DEO

D. D. D.

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
Es:—o que es não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva,
Em que—indistinctas!—se involve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.

O Nada, a que foi roubado
Pelo sôpro creador
Tudo o mais, o hade tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veio.
Belleza es tu, luz es tu,
Verdade es tu só. Não creio
Senão em ti; o ôlho nu
Do homem não ve na terra

Mais que a dúvida, a incerteza,
A fórma que ingana e erra.
Essencia! a real belleza,
O puro amor—o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os póde ver
O que inspirado se affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despidos
Das coisas vans e grosseiras

Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida teem. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro e a combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro—confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só espera.

FOLHAS CAHIDAS.

I.

ADEUS!

Adeus! para sempre adeus!
Vai-te, oh! vai-te, que n'esta hora
Sinto a justiça dos ceus
Esmagar-me a alma que chora.
Chóro porque não te amei,
Chóro o amor que me tiveste;
O que eu perco, bem n'o sei,

Mas tu... tu nada perdeste:
Que este mau coração meu
Nos secretos escaninhos
Tem venenos tam damninhos
Que o seu podêr só sei eu.

Oh! vai... para sempre adeus!
Vai, que ha justiça nos ceus.
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Essa vibora medonha
Que por seu fatal condão
Hade rasgá-lo ao nascer:
Hade sim, serás vingada,
E o meu castigo hade ser
Ciume de ver-te amada,
Remorso de te perder.

Vai-te, oh! vai-te, longe, embora,
Que sou eu capaz agora
De te amar.—Ai! se eu te amasse!
Vê se no arido pragal
D'este peito se ateasse
De amor o incendio fatal!

Mais negro e feio no inferno
Não chammeja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso?—Ai, triste!
Não sabes o que pediste.
Não te bastou supportar
O cepo-rei; impaciente
Tu ousas a deus tentar
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?
Inganas-te: é morta, é finda,
Dissipada é a illusão.
Do meigo azul de teus olhos
Tanta lagryma verteste,
Tanto esse orvalho celeste
Derramado o viste em vão
N'esta seara de abrolhos,
Que a fonte seccou. Agora
Amarás... sim hasde amar,
Amar deves... Muito embora...
Oh! mas n'outro hasde sonhar
Os sonhos de oiro incantados
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?
Se em meus olhos incovados
Der a luz de teus ardores...
Se com ella cegarei?
Se o nada d'essas mentiras
Me entrar pelo vão da vida...
Se, ao ver que feliz deliras,
Tambem eu sonhar... Perdida,
Perdida serás—perdida.

Oh! vai-te, vai, longe, embora!
Que te lembre sempre e agora
Que não te amei nunca... ai! não;
E que pude a sangue frio,
Covarde, infame, villão,
Gosar-te—mentir sem brio,
Sem alma, sem dó, sem peijo,
Commettendo em cada beijo
Um crime... Ai! triste, não chores,
Não chores, anjo do ceu,
Que o deshonrado sou eu.

Perdoar-me tu?.. Não mereço.
A immundo cerdo voraz

Essas perolas de preço
Não as deites: é capaz
De as desprezar na torpeza
De sua bruta natureza.
Irada, te hade admirar,
Despeitosa, respeitar,
Mas indulgente... Oh! o perdão
É perdido no villão,
Que de ti hade zombar.

Vai, vai... para sempre adeus!
Para sempre aos olhos meus
Sumido seja o clarão
De tua divina estrêlla.
Faltam-me olhos e razão
Para a ver, para intendê-la:
Alta está no firmamento
Demais, e demais é bella
Para o baixo pensamento
Com que em má hora a fitei;
Falso e vil o incantamento
Com que a luz lhe fascinei.
Que volte a sua belleza
Do azul do ceu á pureza,

E que a mim me deixe aqui
Nas trevas em que nasci,
Trevas negras, densas, feias,
Como é negro este aleijão
D'onde me vem sangue ás veias,
Este que foi coração,
Este que amar-te não sabe
Porque é só terra — e não cabe
N'elle uma idea dos ceus...
Oh! vai, vai; deixa-me, adeus!

II.

QUANDO EU SONHAVA.

Quando eu sonhava, era assim
Oue nos meus sonhos a via;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar.

Agora que estou desperto,
Agora a vejo fixar...
Paraquê?—Quando era vaga,
Uma idea, um pensamento,
Um raio de estrêlla incerto
No immenso firmamento,
Uma chymera, um vão sonho,
Eu sonhava—mas vivia:
Prazer não sabía o que era,
Mas dor, não n'a conhecia...

.....

III.

AQUELLA NOITE!

Era a noite da loucura,
Da seducção, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glórias esconder.
Os felizes... e ai! são tantos!..
—Eu por tantos os contava!
Eu que o signal de meus prantos
Do afflicto rosto lavava—
Os felizes presumpçosos
Iam nos coches ruidosos
Correndo aos salões doirados
De mil fogos alumiados,
D'onde em torrentes sahia

A clamorosa harmonia
Que á festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido
Como o confuso bramar
De um mar ao longe movido
Que á praia vem rebentar:
E disse commigo: — 'Vamos,
Os luctos d'alma dispamos,
Á festa heide ir tambem eu!'

E fui: e a noite era bella,
Mas não vi a minha estrêlla
Que eu sempre via no ceu:
Cubriu-a de espesso véo
Alguma nuvem a ella,
Ou era que ja vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,
A funda melancholia
Que todo o meu ser revia,
Qual o atahude levado

A egypcio festim, dizia:
—'Como vós fui eu tambem;
Folgae, que a morte ahi vem!'
Dizia-o, sim, meu semblante,
Que, onde eu chegava, o prazer
Cessava no mesmo instante;
E o labio, que ia a dizer
Doçuras de amor, gelava;
E o riso, que ia a nascer
Na face linda, expirava.
Era eu—e a morte em mim,
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas
Ebrias de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhe os beijos
Da bôcca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a ellas...
Para logo a fronte esquiva
De recatos se involvia
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,
Nu, ardente e palpitante

Andavam como intregando
Á cubiça mal-desperta,
Gasta ja e desdenhosa,
Dos que as estavam mirando
Com vaga luneta incerta
Que diz: — 'Aquella é formosa,
Não se me dava de a ter.
E esta? É só baroneza,
Vale menos que a duqueza:
Não sei a qual attender.'

E a isto chamam prazer!
A grande ventura é ésta?
Vale a pena vir á festa
E vale a pena viver.
Como então quiz á tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — e a frente
Desanuviar-se contente
Do feio negrume espesso

Que assustava aquella gente.
Logo os surrisos cahiam
Para o meu lado tambem;
Ja como um dos seus me viam,
Que em mim não viam ninguem.
Eu, de olhos desincantados,
A ellas, como as eu via!
Meus enthusiasmos passados,
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia
De meus labios descorados,
E sem dó e sem pudor
A todas fallei de amor...
Do amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espadua nua se accende...
Amor lascivo que offende,
Que faz corar... Ellas riam
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta:
—'Festa, festa! e salta, salta!'
Os seus guizos delirantes

Sacode louca a Folia...
Adeus, requebros de amantes!
Suspiros, quem n'os ouvia?
As palavras meias dittas,
Meias nos olhos escrittas,
Voavam todas perdidas
Dispersas, rotas no ar;
Que se foram almas, vidas,
Tudo se foi a walsar.

Quem é ésta que mais voltas
Gyra, gyra sem cessar?
Como as roupas leves, sôltas,
Aerias leva a ondular
Emtôrno á fórma graciosa,
Tam flexivel, tam airosa,
Tam fina! — Agora parou,
E tranquilla se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o profil;
E a cabeça, tam gentil,
Como se fôra devéras
A rainha d'essa gente,
Como a levanta insolente!

Vive Deus! que é ella... aquella,
A que eu vi na tal janella,
E que triste me surria
Quando passando me via
Tam pasmado a olhar para ella.
A mesma melancholia
Nos olhos tristes—de luz
Oblíqua, viva mas fria;
A mesma alta intelligencia
Que da face lhe transluz;
E a mesma altiva impaciencia
Que de tudo, tudo cança,
De tudo o que foi, que é,
E na erma vida só vê
O raio da vaga espr'ança.

—'Pois isto sim que é mulher'
Disse eu—'e aqui ha que ver.'

Ja vinha a pallida aurora
Annunciando a manhan fria,
E eu fallava e eu ouvia
O que até áquella hora
Nunca disse, nunca ouvi...

Toda a memoria perdi
Das palavras proferidas...
Não eram d'estas sabidas,
Nem quaes eram não n'o sei...
Sei que a vida era outra em mim,
Que era outro ser o meu ser,
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabía não ter.

E d'ahi?—D'ahi, a historia
Não deixou outra memoria
D'essa noite de loucura,
De seducção, de prazer...
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

IV.

O ANJO CAHIDO.

Era um anjo de Deus
Que se perdêra dos ceus
E terra a terra voava.
A setta que lhe acertava
Partíra de arco traidor,
Porque as pennas que levava
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,
E se viu aos pés rendido
Do tyranno caçador.
De aza morta e sem splendor
O triste, peregrinando
Por estes valles de dor,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos ceus,
O abandonado de Deus,
Vi-o, n'essas tropelias
Que o mundo chama alegrias,
Vi-o a taça do prazer
Pôr ao labio que tremia...
E só lagrymas beber.

Ninguem mais na terra o via,
Era eu só que o conhecia...
Eu que ja não posso amar!
Quem n'o havia de salvar?
Eu, que n'uma sepultura
Me fôra vivo interrar?
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos ceus
Faltava um anjo ao seu Deus;
E remi-lo e resgatá-lo,
D'aquella infamia salvá-lo
Só fôrça de amor podia.
Quem d'esse amor hade amá-lo,
Se ninguem o conhecia?

Eu só. — E eu morto, eu descrido,
Eu tive o arrôjo atrevido
De amar um anjo sem luz.
Cravei-a eu n'essa cruz
Minha alma que renascia,
Que toda em sua alma puz.
E o meu ser se dividia,

Porque elle outra alma não tinha,
Outra alma senão a minha...
Tarde, ai! tarde o conheci,
Porque eu o meu ser perdi,
E elle á vida não volveu...
Mas da morte que eu morri
Tambem o infeliz morreu.

V.

O ALBUM.

Minha Julia, um conselho de amigo;
Deixa em branco este livro gentil:
Uma só das memorias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada
Pelas mãos do mysterio hade ser;
Que não tem lingua humana palavras,
Não tem lettra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja
De uma vida o tecido matiz,
Um só fio da tella bordada
Um só fio hade ser o feliz.

Tudo o mais é illusão, é mentira,
Brilho falso que um tempo seduz,
Que se apaga, que morre, que é nada
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos
Dos inganos que a espr'ança forjou?
Vãos reflexos de um sol que tardava
Ou vans sombras de um sol que passou!

Crê-me, Julia: mil vezes na vida
Eu co'a minha ventura sonhei;
E uma só, d'entre tantas, o juro,
Uma só com verdade a incontrei.

Essa entrou-me pela alma tam firme,
Tam segura por dentro a fechou,
Que o passado fugiu da memoria,
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Julia bella, o conselho:
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memorias da vida são nada,
E uma só se conserva entre mil.

VI.

SAUDADES.

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas;
É flor nossa, e tam bonita
Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz,
Vive á sombra, foge á luz,
As glórias d'amor não diz;

Mas na modesta belleza
De sua melancholia
É tam suave a tristeza,
Inspira tal sympathia!..

E tem um dote ésta flor
Que de outra egual se não diz;
Não perde viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o que as outras matta;
Até ás vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,
Que te não devo esconder:
Plantada no coração,
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
Com as raizes mofinas,
Mais ella tem brilho e graça,
É como a flor das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...
Fiz mal em dar-te essa flor,
Que eu sei o que me custou
Trattá-la com tanto amor.

VII.

ESTE INFERNO DE AMAR.

Este inferno de amar — como eu amo!
Quem m'o pôs aqui n'alma... quem foi?
Ésta chamma que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destroi —
Como é que se veio a atear,
Quando — ai quando se hade ella apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que d'antes vivi
Era um sonho talvez...—foi um sonho—
Em que paz tam serena a dormi!
Oh! que doce era aquelle sonhar...
Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos gyravam,
Em seus olhos ardentes os puz.
Que fez ella? eu que fiz?—Não n'o sei;
Mas n'essa hora a viver comecei...

VIII.

DESTINO.

Quem disse á estrêlla o caminho
Que ella hade seguir no ceu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave apprendeu?
Quem diz á planta: — 'Florece!'
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda
Os fios quem lh'os inreda?

Insinou alguem á abelha
Que no prado anda a zumbir
Se á flor branca ou se á vermelha
O seu mel hade ir pedir?
Que eras tu meu ser, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não m'o disse ninguem.

Como a abelha corre ao prado,
Como no ceo gyra a estrêlla,
Como a todo o ente o seu fado
Por instincto se revella,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

IX.

GÔSO E DOR.

Se estou contente, querida,
Com ésta immensa ternura
De que me enche o teu amor?
—Não. Ai! não; falta-me a vida,
Succumbe-me a alma á ventura:
O excesso do gôso é dor.

Doe-me alma, sim; e a tristeza
Vaga, inerte e sem motivo,
No coração me poisou.
Absorto em tua belleza,
Não sei se morro ou se vivo,
Porque a vida me parou.

É que não ha ser bastante
Para este gosar sem fim
Que me inunda o coração.
Tremo d'elle, e delirante
Sinto que se exhaure em mim
Ou a vida—ou a razão...

X.

PERFUME DA ROSA.

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?
Um anjo, um sylpho? Ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,
De seu throno te ajoelha,
E esse nectar incantado
Bebe occulto, humilde abelha?

—Ninguem?—Mentiste: essa frente
Em languidez inclinada,
Quem t'a pôs assim pendente?
Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva
Como assim te desmaiou?
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástea sentida
Tremes tanto ao pôr do sol?
Porque escutas tam rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas d'esse retiro
Não espreitei a tua imagem?

Não a vi afflicta, anciada...
—Era de prazer ou dor?—
Mentiste, rosa, es amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nume
O que em teu seio delira,
Hade mattá-lo o perfume
Que n'esse aroma respira.

XI.

ROSA SEM ESPINHOS.

Para todos tens carinhos,
A ninguem mostras rigor!
Que rosa es tu sem espinhos?
Ai, que não te intendo, flor!

Se a borbuleta vaidosa
A desdem te vai beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
É surrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tam modesta em seu zumbir,
Te diz: — 'Ó rosa vermelha,
'Bem me pódes acudir:

'Deixa do caliz divino
'Uma gotta só libar...
'Deixa, é nectar peregrino,
'Mel que eu não sei fabricar...'

Tu de lástima rendida,
De malditta compaixão,
Tu á súpplica atrevida
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor!
Es rosa e não tens espinhos!
Ai! que não te intendo, flor.

XII.

ROSA PALLIDA.

Rosa pallida, em meu seio
Vem, querida, sem receio
Esconder a afflicta côr.
Ai! a minha pobre rosa!
Cuida que é menos formosa
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,
Sôlta de alma e pensamento,
Forte de tua isempção,
Tinhas na folha incendida
O sangue, o calor e a vida
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella.
Coitada, coitada d'ella,
A minha rosa gentil!
Coravam-n'a então desejos,
Desmaiam-n'a agora os beijos...
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!
Inveja de quê, amores?
Tu, que vieste dos ceus,
Comparar tua belleza
Ás filhas da natureza!
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!.. de quê, vida?
Vergonha de ser querida;
Vergonha de ser feliz!
Porquê?.. porquê em teu semblante
A pallida côr da amante
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha
Não vinha zangão e abelha
Emtôrno de ti zumbir?
Não ouvias entre as flores
Historias dos mil amores
Que não tinhas, repetir?

Que hãode elles dizer agora?
Que pendeste e de quem chora
É o teu languido olhar?
Que a tez fina e delicada
Foi, de ser muito beijada,
Que te veio a desbotar?

Deixa-os: pallida ou corada,
Ou isempta ou namorada,
Que brilhe no prado flor,
Que fulja no ceo estrêlla,
Ainda é ditosa e bella
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio
Vem a frente reclinar.
Que pallida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar.

XIII.

FLOR DE VENTURA.

A flor de ventura
Que amor me intregou,
Tam bella e tam pura
Jamais a creou:

Não brota na selva
De inculto vigor,
Não cresce entre a relva
De virgem frescor;

Jardins de cultura
Não póde habitar
A flor de ventura
Que amor me quiz dar.

Semente é divina
Que veio dos ceus;
Só n'alma germina
Ao sôpro de Deus.

Tam alva e mimosa
Não ha outra flor;
Uns longes de rosa
Lhe avivam a côr.

E o aroma... Ai! delirio
Suave e sem fim!
É a rosa, é o lirio,
É o nardo e o jasmim.

É um philtro que apura,
Que exalta o viver,
E em doce tortura
Faz de âncias morrer.

Ai! morrer... que sorte
Bemditta de amor!
Que me leve a morte
Beijando-te, flor.

XIV.

BELLA D'AMOR.

Pois essa luz scintillante
Que brilha no teu semblante
D'onde lhe vem o splendor?
Não sentes no peito a chamma
Que aos meus suspiros se inflamma
E toda reluz de amor?

Pois a celeste fragancia
Que te sentes exhalar,
Pois, dize, a ingenua elegancia
Com que te ves ondular,
Como se baloiça a flor
Na primavera em verdor,
Dize, dize: a natureza
Póde dar tal gentileza?
Quem t'a deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se ha no ceo estrêlla,
Diz-me se ha no prado flor
Que Deus fizesse tam bella
Como te faz meu amor.

XV.

OS CINCO SENTIDOS.

São bellas—bem o sei, essas estrêllas,
Mil côres—divinaes têem essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti—a ti!

Divina—ai! sim, será a voz que affina
Saudosa—na ramagem densa, umbrosa;
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a mellodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti—a ti!

Respira—n'aura que entre as flores gyra,
Celeste—incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti—de ti!

Formosos—são os pomos saborosos,
É um mimo—de nectar o racimo:
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
É só de ti—de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser porcerto em que me deito.
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras carícias,
Tocar n'outras delícias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

XVI.

ROSA E LIRIO.

A rosa
É formosa;
Bem sei.
Porque lhe chamam — flor
D'amor,
Não sei.

A flor,
Bem de amor
É o lirio;
Tem mel no aroma, — dor
Na côr
O lirio.

Se o cheiro
É fagueiro
Na rosa,
Se é de belleza — mor
Primor
A rosa,

No lirio
O martyrio
Que é meu
Pintado vejo: — côr
E ardor —
É o meu.

A rosa
É formosa,
Bem sei...
E será de outros flor
D'amor...
Não sei.

XVII.

COQUETTE DOS PRADOS.

Coquette dos prados,
A rosa é uma flor
Que inspira e não sente
O incanto d'amor.

De purpura a vestem
Os raios do sol;
Suspiram por ella
Ais do rouxinol:

E as galas que traja
Não as agradece,
E o amor que accende
Não o reconhece.

Coquette dos prados
Rosa, linda flor,
Porquê, se o não sentes,
Inspiras amor?

XVIII.

CASCAES.

Acabava alli a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta arida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os ceos turvos, annuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo alli era braveza
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sêcco o rio, sêcca a fonte,
Hervas e matos queimados,
Ahi n'essa bruta serra,
Ahi foi um ceo na terra.

Alli sós no mundo, sós,
Sancto Deus! como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que fallar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo,
Minha alma em sua razão
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
Contaram na eternidade:
Que essas horas fugidias,
Seculos na intensidade,
Por millenios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim foi a tragos largos,
Longos, fundos que a bebi
Do prazer a taça:—amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ella deixou...
Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem: que é preciso amar
Como eu amei—ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se ha dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai! que pesados annos
Tardios depois vieram!
Oh, que fataes desinganos,
Ramo a ramo, a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquelle sítio incantado:
Certo estou não conhecê-lo
Tam outro estará mudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda alli acaba a terra,
Mas ja o ceo não começa;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou nua a bruteza
D'essa agreste natureza.

XIX.

ESTES SITIOS!

Olha bem estes sitios queridos,
Vê-os bem n'este olhar derradeiro...
Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que d'elles teremos...

Que saudade! ai, amor, que saudade!
Pois não sentes, n'este ar que bebemos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se alma a tragar liberdade
E a crescer de innocencia e vigor!
Oh! aqui, aqui só se ingrinalda
Da pureza da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor.
O ar queimado das salas lhe escalda
De suas azas o niveo candor,
E na frente arrugada lhe cresta
A innocencia infantil do pudor.
E oh! deixar taes delicias como ésta!
E trocar este ceo de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
Vender alma e razão á impostura,
Ir saudar a mentira em sua côrte,
Ajoelhar em seu throno á vaidade,
Ter de rir nas angústias da morte,
Chamar vida ao terror da verdade...
Ai! não, não... nossa vida acabou,
Nossa vida aqui toda ficou.
Diz-lhe a adeus n'este olhar derradeiro,
Dize á sombra dos montes erguidos,

Dize-o ao verde do triste pinheiro,
Dize-o a todos os sitios queridos
D'esta ruda, feroz soledade,
Paraizo onde livres vivemos...
Oh! saudades que d'elle teremos,
Que saudade! ai, amor, que saudade!

XX.

NÃO TE AMO.

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma — tenho a calma,
A calma — do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida — nem sentida
A trago eu ja commigo.
Ai, não te amo, não.

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. Es bella; e eu não te amo, ó bella.
Quem ama a aziaga estrêlla
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar!.. não te amo, não.

XXI.

NÃO ES TU.

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar,
Corava da mesma côr,
Aquella visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia
Como um veo que lhe involvia,
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu fallar,
Ingenuo e quasi vulgar,
Tinha o podêr da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não es tu... ai! não es:
Toda a illusão se desfez.
Não es aquella que eu vi
Não es a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lh'o senti.

XXII.

BELLEZA.

Vem do amor a Belleza,
Como a luz vem da chamma.
É lei da natureza:
Queres ser bella?—ama.

Fórmas de incantar,
Na tella o pincel
As póde pintar;
No bronze o buril
As sabe gravar;
E estátua gentil
Fazer o cinzel
Da pedra mais dura...
Mas Belleza é isso?—Não; só formosura.

Surrindo entre dores
Ao filho que adora
Inda antes de o ver,
—Qual surri a aurora
Chorando nas flores
Que estão por nascer—
A mãe é a mais bella das obras de Deus.
Se ella ama!—O mais puro do fogo dos ceus
Lhe ateia essa chamma de luz crystallina:

É a luz divina
Que nunca mudou,
É luz... é a Belleza
Em toda a pureza
Que Deus a creou.

XXIII.

ANJO ES.

Anjo es tu, que esse podèr
Jamais o teve mulher,
Jamais o hade ter em mim.
Anjo es, que me domina
Teu ser o meu ser sem fim;
Minha razão insolente
Ao teu capricho se inclina,
E minha alma forte, ardente,

Que nenhum jugo respeita,
Covardemente sujeita
Anda humilde a teu podêr.
Anjo es tu, não es mulher.

Anjo es. Mas que anjo es tu?
Em tua frente annuviada
Não vejo a c'roa nevada
Das alvas rosas do ceo.
Em teu seio ardente e nu
Não vejo ondear o veo
Com que o soffrego pudor
Vela os mysterios d'amor.
Teus olhos têem negra a côr,
Côr de noite sem estrêlla;
A chamma é vivaz e é bella,
Mas luz não tem.—Que anjo es tu?
Em nome de quem vieste?
Paz ou guerra me trouxeste
De Jehovah ou Belsebú?

Não respondes—e em teus braços
Com phreneticos abraços
Me tens apertado, estreito!..

Isto que me cai no peito
Que foi?.. Lagryma?—Escaldou-me...
Queima, abraza, ulcéra... Dou-me,
Dou-me a ti, anjo malditto,
Que este ardor que me devora
É ja fogo de precito,
Fogo eterno, que em má hora
Trouxeste de lá... De donde?
Em que mysterios se esconde
Teu fatal, estranho ser!
Anjo es tu ou es mulher?

XXIV.

VIBORA.

Como a vibora gerado,
No coração se formou.
Este amor amaldiçoado
Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri;
E em meu cadaver nutrido,
Foi a vida que eu perdi
A vida que tem vivido.

XXV.

BARCA BELLA.

Pescador da barca bella,
Onde vas pescar com ella,
    Que é tam bella
    Oh pescador!

Não ves que a última estrêlla
No ceo nublado se vela?
    Colhe a vela,
    Oh pescador!

Deita o lanço com cautella,
Que a sereia canta bella...
Mas cautella,
Oh pescador!

Não se inrede a rede n'ella,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Oh pescador.

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, foge d'ella,
Foge d'ella
Oh pescador!

XXVI.

A COROA.

Bem sei que é toda de flores
Essa coroa d'amores
Que na frente vais cingir.
Mas é coroa — é reinado;
E a pôsto mais arriscado
Não se póde hoje subir.

N'esses reinos populosos
Os vassallos revoltosos
Tarde ou cedo dão a lei.
Quem hade conter, domá-los,
Se são tantos os vassallos,
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,
Para fugir essa estrella
Que os reis persegue sem dó,
Mais que um meio—fallo serio:
É pôr limites ao imperio
E ter um vassallo só.

XXVII.

SINA.

Por todas quantas estrêllas
Tem o ceo que possam mais,
Pelas flores virginaes
De que se c'roam donzellas,
Pelas lagrymas singellas

Que o primeiro amor derrama,
Por aquella etherea chamma
Que a mão de Deus accendeu
E que na terra allumia
Quanto ha na terra do ceu,
Por tudo quanto eu queria
Quando eu sabia querer,
E por tudo quanto eu cria
Quando me era dado crer!
Bem fadada seja a vida
Que por éstas folhas brancas[1]
Sua historia hade escrever!
Que as dores lhe venham mancas
E com azas o prazer!

Ésta sina que lhe dou,
Bruxa não n'a adivinhou,
Nem duende m'a insinou:

[1] As folhas do album em que se escreveram estes versos.

Li-a eu por meu condão
Em seus olhos innocentes,
Transparentes—transparentes
Até dentro ao coração.

XXVIII.

AI HELENA!

Ai Helena! de amante e de espôso
Ja o nome te faz suspirar,
Ja tua alma singela présente
Esse fogo de amor delicioso
Que primeiro nos faz palpitar!..
Oh! não vas, donzellinha innocente,
Não te vas a esse ingano intregar:
É amor que te illude e te mente,
É amor que te hade mattar!

Quando o sol n'estes montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trevas da noite que espanta
Véem os anjos do inferno incubertos
A sua victima incauta affagar.
Doce é a voz que adormece e quebranta,
Mas a mão do traidor... faz gelar.
Treme, foge do amor que te incanta,
É amor que te hade mattar.

XXIX.

THE ROSE — A SIGH.[1]

If this delicious, grateful flower,
Which blows but for a little hour,
Should to the sight so lovely be,
As from it's fragrance seems to me,
A sigh must then it's colour show,
For that is the softest joy I know.
And sure the rose is like a sigh,
Borne just to soothe and then — to die.

[1] By a young lady born blind.

XXIX.

A ROSA UM SUSPIRO.[1]

Se ésta flor tam bella e pura,
Que apenas uma hora dura,
Pintado tem no matiz
O que em seu perfume diz,
Por certo na linda côr
Mostra um suspiro d'amor:
Dos que eu chego a conhecer
É este o maior prazer.
E a rosa como um suspiro
Hade ser; bem se discorre:
Tem na vida o mesmo gyro,
É um gôsto que nasce e—morre.

[1] Por uma menina cega de nascença.

XXX.

RETRATTO.

(N'UM ALBUM).

Ah! despreza o meu retratto
Que lhe eu queria aqui pôr!
Tem medo que lhe desfeie
O seu livro de primor?
Pois saiba que por despique
Eu sei tambem ser pintor:
Co'esta penna por pincel,
E a tinta do meu tinteiro,
Vou fazer o seu retratto
Aqui ja de corpo inteiro.

Vamos a isto. — Sentada
Na cadeira 'moyen-âge,'
O cabello en 'chatellaines,'
As mangas sôltas. — É o traje.

Em longas pregas negras
Caia o velludo e arraste;
De si com desdem regio
Com o pésinho o affaste...

N'essa attitude! Está bem:
Agora mais um geitinho;
A airosa cabeça a um lado
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,
Nem Daguerre lh'os tira melhor.
Este é o ar, ésta a 'pose,' eu lh'o juro,
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difficil:
Tirar feição por feição;
Intendê-las, que é o ponto,
E dar-lhe a justa expressão.

Os olhos são côr da noite,
Da noite em seu começar,
Quando inda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar;

Tèem uma luz que vai longe,
Que faz gôsto de queimar:
É uma especie de lume
Que serve só de abrazar.

Na bôcca ha um surriso amavel.
Amavel é... mas queria
Saber se é todo bondade
Ou se meio é zombaria.

Ninguem m'o diz? O retratto
Incompleto ficará,
Que n'estas duas feições
Todo o ser, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho
É tudo o que n'elle fiz;
E o que lhe falta—que é muito,
Tambem o espelho o não diz.

XXXI.

LUCINDA.

Ergue a frente, lirio,
Ergue a branca frente!
O astro do delirio
Ja surgiu no oriente.

Ves, o sol ardente
Lá cahiu no mar;
A frente pendente
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,
Teu alvor não cresta;
A hora de gosar,
De viver é ésta.

Longa foi a sésta
Longo o teu dormir;
Ergue a branca testa,
Tempo é de surgir!

Ja se abre a surrir
Tua bôcca linda...
Despertar, sentir
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda
Será o teu sonhar,
Se a dormir, Lucinda,
Te sentes amar.

XXXII.

AS DUAS ROSAS.

Sôbre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu seculos a guerra
    Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jamais!
Reinar ambas as rivais,
Tambem não; e uma ceder
    Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Ei-las aqui bem eguaes,
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito:
Que artista fui, com que geito!
E oh! que lindas são, que amores
As minhas flores!

Dirão que é cópia; — bem sei:
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam bello
Que lhe deem esse modello,
Do meu quadro, na verdade,
Tenho vaidade.

XXXIII.

VOZ E AROMA.

A brisa vaga no prado,
Perfume nem voz não tem;
Quem canta é o ramo agitado,
O aroma é da flor que vem.

A mim, tornem-me essas flores
Que uma a uma eu vi murchar,
Restituam-me os verdores
Aos ramos que eu vi seccar...

E em torrentes de harmonia
Minha alma se exhallará,
Ésta alma que muda e fria
Nem sabe se existe ja.

INDICE.

ADVERTENCIA ..... 5.

FOLHAS CAHIDAS.

I. — Adeus ..... 17.
II. — Quando eu sonhava ..... 23.
III. — Aquella noite ..... 25.
IV. — O anjo cahido ..... 33.
V. — O album ..... 36.
VI. — Saudades ..... 39.
VII. — Este inferno de amar ..... 42.
VIII. — Destino ..... 44.
IX. — Gôso e dor ..... 46.
X. — Perfume da Rosa ..... 48.
XI. — Rosa sem espinhos ..... 51.
XII. — Rosa pallida ..... 53.
XIII. — Flor de ventura ..... 57.
XIV. — Bella d'amor ..... 60.
XV. — Os cinco sentidos ..... 62.
XVI. — Rosa e lirio ..... 65.
XVII. — Coquette dos prados ..... 68.

XVIII. — Cascaes. ..... 70.
XIX. — Estes sitios ..... 75.
XX. — Não te amo ..... 78.
XXI. — Não es tu..... 81.
XXII. — Belleza. ..... 84.
XXIII. — Anjo es ..... 87.
XXIV. — Vibora. ..... 90.
XXV. — Barca bella..... 91.
XXVI. — A Coroa ..... 93.
XXVII. — Sina ..... 95.
XXVIII. — Ai Helena ..... 98.
XXIX. — A rosa-um suspiro ..... 100.
XXX. — Retratto ..... 102.
XXXI. — Lucinda..... 105.
XXXII. — As duas rosas ..... 107.
XXXIII. — Voz e aroma ..... 109.

NOV -1 1934

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 873 2